

OS TERMOS NEOLATINOS PARA A DESIGNAÇÃO DA “BONECA”

Para Teresa Cristina .

Maria Luisa Fernandes Miazzi

A palavra “boneca” foi das mais comuns por longo tempo em casa, pois era uma constante no vocabulário de minhas filhas, introduzindo-se de modo espantoso mesmo na fala dos adultos

“Nenê qué muneca”, “dá muneca mim” são expressões de que me recordo freqüentemente e que me faziam naqueles anos distantes imaginar por que razão as meninas substituíam a oclusiva labial pela nasal homorgânica. Influência da avó espanhola que só aparecia uma vez por semana? Não o creio, embora talvez o infalível casaquinho ou roupinha que ela trazia “para la muñequita” pudesse ter deixado conseqüências lingüísticas.

Mais tarde, deparando com o termo galego *moneca*, pensei na antiga dúvida. Também a labial (oclusiva ou nasal, surda ou sonora) aparecia em outras línguas românicas: fr. *poupée*, it. *bambola*, ret. *poppa*, sardo *puppu*, rom. *papusa*, etc. Haveria uma raiz comum?

Pelo menos deveria existir uma na Ibéria, contendo como segundo elemento consonântico a nasal dental geminada, uma vez que permanecia em nossa língua e se palatalizava no castelhano. E qual a relação com o resto da România? Ainda mais, perguntava-me, o esp. *muñeca* teria alguma afinidade com o adjetivo *mona* que significa “graciosa”? É óbvio que eu só tinha em mente nossas lindas bonecas atuais ao dizer: “Que mona es la muñequita!” E *mona* com o sentido de “macaca” poderia ter igual étimo? Além disso, o esp. *muñeca*, na acepção de “munheca”, seria na origem a mesma palavra que também se traduzia por “boneca”? E qual a razão da nasal dental no cat. *nina*?

Essas perguntas e outras reuni, depois, e investiguei a procedência dos termos que me foi dado coligir: a maioria deles provém do

lat. *pupa*, diretamente ou por sufixação, mas a Ibéria mostra um tipo especial, certamente com base na linguagem infantil, que é a responsável pelo do italiano, do romeno, e, afinal, mesmo do latino.

1 — EM LATIM

a) Em latim o termo próprio para designar a “boneca” é *pupa*; havia, além de *pupa* (ou *puppa*), o seu diminutivo *pupula*, aplicado à “menina” e também à “pupila” (menina dos olhos).

Pupa (*puppa*) origina-se da linguagem infantil (a forma geminada é semelhante à que parece eem *acca*, *atta*, *pappa*), segundo Ernout e Meillet (1). Sobre as formas femininas *pupa*, *puppa*, *pupula*, surgiram as correspondentes masculinas, *pupus*, *puppus*, *pupulus*, porém de uso raro e que mal sobreviveram (2).

Ainda sobre *pupula* formou-se um segundo diminutivo, *pupilla*, que deu origem, na língua do direito, ao sentido de “pupila, órfã”. Como *pupula*, *pupilla* também designa a “menina do olho”, assim chamada por causa da imagenzinha que nele se vê refletida.

Esses três sentidos básicos encontram-se no gr. *κόρη* “menina; boneca menina do olho”

Uma quarta acepção tomou o vocábulo *puppa* na linguagem infantil (não aparece no latim literário), pois se reencontra nas línguas neolatinas: o de “seio materno”, “teta” (3).

Vejamos a documentação dessas formas latinas, extraída primordialmente de Forcellini (4).

PUPA (ou PUPPA) — Tem duas acepções: “menina” e “boneca”

1) Corresponde a *puella* e ao gr. *κόρη*, como se vê do exemplo de Marcial (4, 20): “*Dicit se vetulam, quum sit Caerellia pupa, Pupam se dicit Gellia, quum sit anus.*” (Cerélia, embora seja moça, se diz velhinha; Gélia diz-se mocinha, embora seja velha).

2) Por extensão, passou a designar a “boneca”, em geral feita com enchimentos vários e revestidos de linho, a qual se cobria de roupas e servia de brinquedo para as meninas; na puberdade, era ofere-

(1) — *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, s.v.

(2) — *Pupulus* “boneco de cera” aparece em Arnóbio, cf. Torrinha, *Dicionário Português-Latino*.

(3) — Ainda hoje se ouve a criança exprimir por “pupu” o desejo de mamar.

(4) — *Lexicon Totius Latinitatis*, tomo III, s.v.

Agradeço à Profa. Neyde Ramos de Assis a colaboração na pesquisa deste material.

cida a Vênus como símbolo de sua virgindade para que lhe fosse concedido um casamento feliz. Testemunha Varrão (*apud* Nônio, 156, 20. *Merc.*): “*Magna pars in desiderium puparum et sigillorum veniebat.*” (Uma grande parte vinha em busca de bonecas e estatuetas).

PUPULA — É o diminutivo de *pupa*, que também significa “menina” (*puella*) e ainda a “pupila” (dos olhos).

1) No sentido próprio surge bem documentado numa inscrição (*apud* Gruter, 627, 9, que a extrai de Orell. 3031, cf. Forcellini, s.v.):

A PVPVLA ANNIS VIGINTI OBTINVI DOMVM OMNEM.

Também neste sentido exprime conotação afetiva, de carinho. Ex.: “*Sed adhuc istud, mea pupula, ministrare debes. Hic Venus loquitur ironice ad Psychen*” (Mas ainda, minha menina, deverás servir. Aqui Vênus fala ironicamente a Psiquê.) (*Apul.* 6. *Met.*)

2) Com a acepção de “menina dos olhos” aparece claramente em Cícero (2. *Nat.* D.57, 142): “*Palpebrae aptissime factae et ad claudendas pupulas, et ad aperiendas.*” (As pálpebras feitas com muita propriedade não só para fechar as pupilas mas também para abrir).

PUPILLA — É um segundo diminutivo formado sobre *pupula* (ou seja, equivalente a *puellula*, *parva pupa*), com o sufixo *-illa*; designa a moça órfã de pais, que vive sob tutela, e ainda a pupila dos olhos (e até o próprio olho).

1) No sentido de “moça que tem um tutor”, surge em Cícero (3, *Verr.* 58, 153): “*Iste infanti pupillae fortunas patrias ademit.*” (Esse tirou à pupila infante os bens paternos.)

2) Quanto ao sentido de “menina dos olhos”, lemos em Cícero (2, *Nat.* D.57, 142): “*Acies ipsa, qua cernimus, quae pupilla vocatur, ita parva est, ut.*” (A própria menina do olho, com a qual vemos, a qual se chama *pupila*, de tal forma é pequena que. .).

Por extensão, o próprio olho recebe tal designação em Apuleio (3, *Met.*): “*Defrictis adeo diu pupillis, an vigilarem scire quaerebam.*” (Desse modo, esfregados os olhos por muito tempo, eu procurava saber se ficaria acordado.)

b) Em *latim vulgar*, ocorre também o vocábulo *pupa* com o sentido de “moça, menina”. Assim temos em inscrições de Pompéia (5): 31 tu, pupa, sic valeas, / sic habeas / Venere Pompeianam / propytia // munn. /

(5). — M. Diaz y Diaz, *Antologia del Latin Vulgar*, p. 30 e 32.

510. pupa que bela is, tibi / me misit qui tuus es: val (e).

2 — NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Sobrevivência dos termos latinos ocorre não só na maior parte das línguas, já mencionadas, como também em formas dialetais, consoante revela o exame de atlas lingüísticos (em especial o ALF e o AIS). *Pupa* manteve-se de um modo geral, especialmente no galo-romance e ítalo-romance, com o sentido latino de “menina” e “boneca”, e ainda na acepção posterior de “teta, mama”. Não subsistiram vestígios de *pupula*, mas o segundo diminutivo, *pupilla*, permaneceu no italiano e, através da medicina, foi emprestado pelo francês e demais línguas.

Na Ibéria, no italiano e no romeno temos formações novas para designar a “boneca”, todas extraídas da linguagem infantil.

NO IBERO-ROMANCE: port. *boneca*, gal. *moneca* (6), esp. *muñeca*, cat. *nina*

Nos idiomas peninsulares não vingou o lat. *pupa*. já no *Glosario del Escorial* (1400), ele é traduzido por *munneca*.

É teoria aceita (7) que os vocábulos da Ibéria teriam surgido de formas afetivas latinas, da linguagem infantil, *ninna*, *nonna*. Meyer-Lübke (REW 5817) acrescenta ainda *nanna* à série, donde a nossa expressão “fazer nana”; de *ninna* retira ele o it. ant. *ninna* “menina”, esp. *niña*, port. *nene*, assim como de *nonna*, o it. *nonna* “avó”, fr. *nonne* “freira, nutriz”. Aliás, numa inscrição do baixo latim ocorre MONNA, como termo de carinho usada pelo marido para com a esposa; é de certo a palavra *nonna* com dissimulação consonântica, embora Ernout e Meillet perguntem se haveria ligação com o gr. *μόνα* (8).

O étimo *ninnus*, -a é confirmado por Corominas para o esp. *niño*, -a, assim como também para o cat. *nin*, -a; associa ainda a forma *nino* da Madeira, apesar de que em galego-português tenha do-

(6). — Não aparece nos dicionários galegos, diz Corominas (DCELC), mas temo-la, por ex., no título de um poema de Vigo J.M. Posada: “A moneca”

(7). — Ver J.P. Machado (DELP e Corominas (DCELC)

(8). — No verbete *nonnus*, -a, Ernout e Meillet afirmam a origem infantil do vocábulo, semelhante ao gr. *νέννας*, *νάννα*, etc. (*Dict. Etymol. Langue Latine*).

minado o termo *menino* (9), o qual, por ser de criação afetiva, tem origens similares.

A *ninna* associa J.P.Machado o beirão *nena* “boneca de pano” e, de *nonna*, com dissimilação, extrai *monna* que dá o esp. *moña*, a que se uniria o sufixo *-eca* para formar “muñeca” Para o galego a explicação também satisfaria e, no caso do português, teria havido nova dissimilação de nasais.

É preferível essa teoria, segundo parece, à anteriormente usada entre os autores, que associavam a palavra “boneca” aos adjetivos *bom* e *bonito* ou a um deles. Para A.Coelho quiçá “boneco” fosse o nome dado a uma figura do teatro de bonifrates (10); e João Ribeiro tentou relação do port. *boneca*, esp. *muñeca* com *mona* “bruxa”, a partir de *mona* “macaca” Em verdade, *mono* significa no espanhol “boneco, títere”, além de “macaco”, enquanto o adjetivo *mono* equivale a “bonito, gracioso, engraçado” Todavia, embora o gasção *mounaco* “figurinha informe” pudesse aduzir novo testemunho, não podemos aceitar *mona* “símio” como étimo, pois, além de não explicar a nasal palatal espanhola, é palavra de origem tardia (11).

Prefere Corominas (DCELC) buscar a origem da palavra *muñeca* “boneca” numa extensão de *muñeca* “munheca”, “articulação da mão com o braço” (também “alvo”, “fito” e ainda “embrulho de trapo de forma arredondada”). Em espanhol antigo era *moñeca*, oriundo de *moño* com seu sentido etimológico de “objeto avultado” (12); inicialmente se pensaria numa “protuberância nessa articulação” e, depois, o vocábulo passaria a designar a mesma articulação.

A forma *monnieca* aparece nos Libros del Saber de Astronomia de Alfonso el Sabio para indicar a articulação da mão e braço; em Nebrija aparece *muñeca* no sentido dessa parte do braço, mas logo se preferiu especificar: “la muñeca del brazo” (Glos. del Escorial e Toledo).

(9). — A procedência da palavra portuguesa *menino* tem sido muito discutida. Quise am extraí-la do esp. *mi niño*, mas Corominas contesta, devido à sua antigüidade na língua (atestada desde 1254); é preferível deriva-la da linguagem afetiva, como é o caso do fr.ant. *mignot* “lindo”, cat. *minyó* “rapaz, menino”, it. *mignolo* “o dedo mínimo”

(10). — *Bonifrate*, originalmente “bom irmão”, indicaria apenas “bom homem”.

(11). — A origem de *mono*, — a “símio” é incerta; sugere uma abreviação de *mamona*, variante de *maimon*, — *ona*, do árabe *maimûn* “feliz” (pois, ao que parece, os macacos procediam da Árabia Feliz ou Yemen); cf. da mesma raiz, o ingl. *monkey*.

(12). — *Moño* deve provir de uma raiz pré-romana *munn* —, cujo sentido seria o de “protuberância, objeto volumoso, e que deixou vestígios também nos dialetos vascos.

E quanto ao sentido da mesma palavra espanhola para designar a boneca? Já no Glosario del Escorial temos a expressão “muñeca de trapo”; e Alonso de Palencia (13) menciona “las muñecas que hacen las niñas” Depois, também surge a palavra na acepção de “embrulho de trapo arredondado com que se embebem líquidos”, etc.

Mas o sentido mais antigo com que aparece o vocábulo no espanhol é o de “marco divisório”; a primeira documentação, “illa Monneka”, datando de 1011, aparece em Castilla la Vieja; num documento de Santana, datado de 1210, aparece “la tierra de Vellida que est so la monneka”

Ainda segundo Corominas, outro sentido, muito restrito, o de “espantalho”, surge em catalão dialetal — *monaca* — e se usa apenas em Vallespir, cf. o ALC, mapa 188.

Uma hipótese, lançada por Thurneysen e aceita por Meyer-Lübke (REW 5747), foi a de que *muñeca* “munheca” e “boneca” teria ligação com um tipo **mundiare* “limpar” > “podar”, “cortar”, derivado de *mundus* “limpo” Todavia, hoje se refuta, à vista das relações inegáveis entre a raiz já referida de *moño* (*mun-*, com a variante *munni-*), a que se prende o fr. *moignon* “resto de membro mutilado”, hoje “resto de ramo cortado”, o cat. *monyo*, também “resto de membro mutilado”, e a raiz *bunn-*, *bunni-* que teria originado o cat. *bony*, gasc. *bougno* e fr. ant. e dial. *bugne*, todos com o sentido de “vulto, volume” A aproximação dessas raízes é evidente no jud. esp. *buñeca* ou *muñeca*, que se usa indiferentemente na Bulgária com a nasal ou a labial.

NO GALO-ROMANCE

O vocábulo francês para “boneca”, *poupée*, vem do lat. *puppa* com sufixo e é atestado desde o séc. XIII, J. de Meung (14). Aliás, no galo-romance não subsistiram vestígios da forma simples latina (em contraposição ao ítalo-romance), tanto nos dialetos franceses como provençais (15). No provençal antigo temos *popada* e, nos modernos dialetos, persiste a composição: *poupeyo*, *pipado*, *poupôio*, etc.

Com o sentido de “bebê”, criancinha nova” aparece no fr. arc. *poupellon*, no fr. med. *poupette*, *poupin* etc. e no fr. mod. *pou-*

(13). — No *Universal Vocabulario en latín y en romance*, Sevilla, 1490, sempre segundo Corominas (DCELC).

(14). — Bloch & Wartburg, *Dict. Étym. Langue Française*, s.v.

(15). — W v Wartburg, *Französisches Etymologisches Wörterbuch* (FEW).

pelin; hoje também *poupard* (designa igualmente a “boneca”), o diminutivo *poupon*, etc.

Para indicar a “mulherzinha” e a “boneca”, o fr. ant. tinha *popine* (daí o adjetivo do fr. med. *popin*, mod. *poupin* “belo, pequeno, enfeitado.”

Na acepção de “seio, teta” surge no ant. prov. *popa*, *popeta*, e ainda no fr. med. *poupe* “mama de animais ferozes”, fr. mod. *pou-pelin*, “mama”

NO ÍTALO-ROMANCE

Bambola é o termo do italiano-padrão, enquanto dialetalmente subsistem derivados do lat. *pupa*.

a) *Bambola* é o vocábulo generalizado para designar a “boneca” Bem a definem Rigutini e Fanfani (16): “figurina fatta di cenci o d’altro vestita da donna, e che si dà a’ bambini per trastullo.” O diminutivo *bambolina* é comum, aplicando-se mesmo a jovens: “bambina o giovane che pare una bambola”

Segundo Zingarelli (17), só cabe à “giovane donna con viso bello ma inespressivo” o termo *bambola*, embora o aceite como neologismo para a “giovane donna vistosamente bella”; a conotação “senza espressione alcuna” para a menina de rosto branco e vermelho “che pare una bambola” também é feita por Rigutini e Fanfani. Perde-se depois para indicar simplesmente a “donna simile a bambola” (18).

A origem de BAMBOLA estaria numa raiz expressiva *bamb*, donde o ital. ant. *bambo*, que mediante sufixo diminutivo deu o moderno *bambino*. Na *Introdução* (19), Meyer-Lübke, referindo-se a formações onomatopaicas, inclui o caso específico de *bimbo* “menino” ao lado de *bambino*, assim como *bambo* “infantil”, *bambino*, *bambolo*, *bamboccio* “menino, boneca”, que teriam apóio no lat. *bambalo* “gago” e gr βαμβαίνω, βαμβάλω “gaguejar” Jespersen (20) também inclui o termo *bambo* (*bambino*) e os nomes para a “boneca” lat. *pupa* ou *puppa*, al. *Puppe*, ingl. *puppet*) entre os devidos à linguagem infantil.

(16). — *Vocabolario Italiano della Lingua Parlata*, s.v

(17). — *Vocabolario della Lingua Italiana*, s.v.

(18). — Spinelli e Casasanta, *Dizionario Completo Italiano-Portoghese (Brasiliano) e Portoghese (Brasiliano) — Italiano*.

(19). — *Introdução ao Estudo da Glotologia Românica*, p. 149-150.

(20). — *Language*, p. 157

Uma peculiaridade semântica surge na expressão “*avere la bambola*” usada para indicar o ciclista extenuado por muito esforço.

Ainda em italiano se pode exprimir, por meio de *pupa* e o diminutivo *pupattola*, tanto a menina como a boneca, de acordo com o étimo latino; e, dialetalmente, temos a sua continuação em abundância, como em geral no ital. set. *pupa*, lomb. *pua*, piem. *büata* (com sufixo), sic. e cal. *puppa*, etc.

Também em dialetos limítrofes temos a sobrevivência da palavra latina, no sentido de “criança”: frl. *pup*, istr. *pupo*.

Mesmo na acepção de “pupila” pode ocorrer preservação do vocábulo simples: abruzz. *puppa de l’okkye*.

Quanto ao sentido posterior de “teta, mama”, temo-lo no it. *poppa*, donde o v *poppare* “mamar” e certos derivados: *poppina* “maminha” (no ant. it. *poppina* significou também “olho”)

Nota:

No SARDO houve a mencionada sobrevivência da forma masculina *puppu* e ainda a de *pupa* como “pupila”: log. *pupa s’oyu* (FEW, vb. *pupa*, e REW 6.854). Também log. *pubada* “boneca” (FEW).

RÉTICO (21) — No engadino encontramos *poppa* que admite dois sentidos: o de “bebê, criança de leite” e o de “boneca” Também se aplica ao “globo ocular” — *poppa del ögl* — e aparece na expressão *poppa d’üert*, que designa o “espantalho” (22).

NO BALCANO-ROMANCE

a) Para o DALMÁTICO, só encontramos atestado, na parte do léxico veglioto de *Das Dalmatische* (23), o termo *popaile*, designativo das “pálpebras”: *le popaile dei vakli* “as meninas dos olhos”

Lembre-se que a palavra usual para indicar “menina, jovem” é no veglioto de origem eslava: *trok, troka* (troc, troci, troce). Muito corrente nos textos (24), é bem possível que também se haja aplicado para indicar a boneca, embora não consignado tal sentido.

(21). — Incluímos aqui o rético no ítalo-romance — como até fizemos com o sardo — devido à aproximação dos étimos, sem cogitar de ítalo ou reto-romance ou língua de transição.

(22). — Baseamo-nos no *Diczionariu scurznieu de la lingua ladina*, de A. Velleman, publicado pela Engandin Press Co.

(23). — M. Bartoli, *Das Dalmatische*, vol. II, col. 45, 44.

(24). — Figuram em abundância na coletânea de fls. 5-35 em nossa tese, ainda inédita, intitulada *O dialeto veglioto*.

b) No ROMENO temos o vocábulo *papusa*, que procede igualmente de um da linguagem infantil, *pappa* “pai” (25), e apresenta sentido tríplice, segundo Damé (26):

- 1) o de boneca ou marionete (ex.: *gatita ca o papusa* “vestida como uma boneca”);
- 2) o de pelota (ex.: *papusa de sfoara* “pelota de barbante”);
- 3) o de folhas que revestem a espiga de milho (ex.: *papusa de tutun* “rolo de tabaco para mascar”)

CONCLUSÃO

Em latim o vocábulo *pupa* (*puppa* e até *puppa*), proveniente da linguagem infantil, que significava “menina, moça”, passou também a designar a “boneca” e sobreviveu, especialmente com o último sentido, nas línguas românicas, através da forma simples no ítalo-romance — como no rético e sardo, e com sufixos no galo-romance.

O seu diminutivo *pupula* não persistiu na România, mas sim um segundo, formado sobre ele, *pupilla*, na acepção de “menina dos olhos” (ex.: vejl. *popaile*) e como termo jurídico que indica a “moça tutelada”

De *pupa*, que em inscrições vulgares ainda se apresenta como “jovem”, surgiu posteriormente, devido ao linguajar das crianças, o sentido de “mama, teta”, que entrou ocasionalmente em alguns idiomas (it. *poppa*, fr. med. *poupe*).

Outros vocábulos, igualmente da linguagem infantil, deram origem às formas do ibero-romance, do italiano-padrão e do romeno. Nas línguas da Ibéria, a base dominante é uma raiz *mun-* que aparece nos vocábulos do espanhol e do galego-português; quanto ao catalão, também se fundamenta num tema expressivo, *ninna*. No italiano, a raiz *bamb-* aparece em termos afetivos, tanto no que exprime “criança” (*bambino,-a*) como no designativo de “boneca” (*bambola*). Enfim no romeno, também de palavra da linguagem infantil, *pappa* “pai”, surgiu a raiz de *papusa* “boneca”

Fica, pois, evidente o caráter afetivo de todos os vocábulos que indicam a “boneca” no latim e línguas românicas, surgidos como meios

(25). — O étimo é dado por Puscariu, *apud* REW 6213). Originalmente o sentido de *pappa* estaria relacionado com a comida (ainda hoje port. “papa”, “papinha”), mas adquiriu alhures, momentaneamente no grego, o sentido de “pai”, que foi recebido pelo latim: *pappas* ou *papa*, — *atis* (cf. Ernout e Meillet, *Dict. Etym.*).

(26). — Frédéric Damé, *Nouveau Dictionnaire Roumain-Français*, 3º vol.

de expressão da criança; e, em geral, existe relação entre o vocábulo para “menina” e para “boneca”

Podemos terminar com a série de nomes aplicados à “boneca” nas línguas e principais dialetos neolatinos:

port. *boneca*, gal. *moneca*, esp. *muñeca*, cat. *ninna*; fr. *poupée*, prov. arc. *popada*, prov. dial. *poupeyo*, *poupôio*, *pipado*, *pupado*, etc. fr.-cond. *pupé*; it. *bambola* (dial.: set. *pupa*, sic. cal. *puppa*, etc); ret. (eng.) *poppa*; (log.) *pubada*; rom. *papusa*.

* * *

*

BIBLIOGRAFIA

- BARTOLI, M. — *Das Dalmatische* (Altromanische Sprachreste von Veglia bis Ragusa und ihre Stellung in der Appenninobalkanischen Romania), Kaiserliche Akademie der Wissenschaften, Viena, 1906.
- BLOCH, O & WARTBURG, W — *Dictionnaire étymologique de la langue française*. 2ª ed., Paris, PUF, 1950.
- COROMINAS, J. — *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*. Madrid, Edit. Gredos, (1954) 4 v.
- DAMÉ, F — *Nouveau Dictionnaire Roumain-Français*. Bucarest, Imprimerie de l'Etat, 1894, 4 v.
- DIAZ y DIAZ, M. — *Antología del Latin Vulgar*. Madrid, Edit. Gredos, (1950).
- ERNOUT, A. MEILLET, A. — *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. 3º ed., Paris. C. Klincksieck, 1951.
- FORCELLINI, Aeg. — *Lexicon Totius Latinitatis*. Patauui, Typis Seminarii, 1940, t. III.
- JESPERSEN, O. — *Language*, London, George Allen & Unwin Ltd. (1a. ed. 1922), 10 ed. 1954.
- MACHADO, J.P — *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. [Lisboa] Confluência, 1952-1959. 2 v.
- MEYER-LÜBKE, W. — *Introdução ao Estudo da Glotologia Românica*. Red. port. de A. Júdice, Lisboa, Livr. Class. Edit., 1916.
- Romanisches Etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1935.
- NASCENTES, A. — *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Rio, Fr. Alves-Machado, 1932.
- RIGUTINI e FANFANI — *Vocabolario Italiano della Lingua Parlata*, Firenze, G. Barbera, Edit., 1854.
- SPINELLI, V & CASASANTA, M. — *Dizionario Completo Italiano-Portoghese (Brasiliano) e Portoghese (Brasiliano) — Italiano*. Milano, U. Hoepli, 1957 2 v

- TORRINHA, F — *Dicionário Português-Latino*. 2º ed., Porto, Domingos Barreira, 1939.
Dicionário Latino-Português. 3. ed., Porto, Maranus, 1945.
- VELLEMAN, *Diczionariu scurznieu de la lingua ladina*, Engandin Press Co., Samaden, 1929.
- WARTBURG, W. — *Französisches Etymologisches Wörterbuch*. Basel, R.G. Zbinden & Co., 1959, Lief. nr. 68/69, p. 601-608.
- ZINGARELLI, N. — *Vocabolario della Lingua Italiana*, Bologna, Zanichelli Ed., 1963.